



Fundado no Sesquicentário
da Batalha do Seival

O GAÚCHO

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DO
INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL

Bicentenário de Sampaio

Ano 2010

Nº 95

JOSÉ FRANCISCO DE SAN MARTÍN Y MATORRAS

Em 25 Fev 1778, nascia em Yapeyú, aldeia missioneira argentina às margens do rio Uruguai, em frente ao Brasil, o menino, filho do tenente espanhol Juan de San Martín e de Dona Gregoria Matorras, que se chamaria José Francisco de San Martín y Matorras e seria o maior general argentino.

O pai possuía o cargo de *tenente-governador* do departamento. A mãe era sobrinha de um conquistador da região do Chaco. Tinha oito anos de idade quando a família retornou à Espanha. Lá, frequentou o *Seminário de Nobles*, em Madrid, e quatro anos depois assentou praça como cadete do Regimento de Múrcia.

Na África, em campanha contra os mouros de Oran, teve o seu batismo de fogo em Melilla. Aos 15 anos, já calejado, foi transferido para o Exército de Aragón, em luta contra os franceses.

Em 1797, foi promovido a subtenente por conduzir ações contra os franceses de Napoleão Bonaparte na região dos Pireneus. No período seguinte, luta no sul da Espanha, em Gibraltar e Cádiz, atingindo o posto de 2º capitão de infantaria ligeira.

Em 1808, Napoleão invade a Península Ibérica e o rei Fernando VII de Espanha é feito prisioneiro. Inicia-se a rebelião contra o irmão, José Bonaparte, proclamado Rei da Espanha.

Estabelecida uma Junta de Governo em Sevilha e logo depois em Cádiz, contra o governo de Dom José I, San Martín é promovido ao cargo de ajudante do 1º Regimento de Voluntários de Campo Mayor. Promovido pelas ações contra os franceses, logo se torna capitão do regimento. O exército ataca os franceses e os vence na batalha de Bailén, em 19 Jul 1808. Nela se destaca San Martín. Esta vitória permite ao exército espanhol da Andaluzia recuperar Madrid, e foi a primeira derrota importante das tropas de Napoleão.

San Martín recebe o posto de tenente-coronel e é condecorado com a medalha de ouro. Continua a lutar contra os franceses no exército dos aliados: Espanha, Portugal e Inglaterra. Combate sob as ordens do general Beresford na batalha de Albuera. É muito provável que esses contatos com os franceses lhe tenham despertado sentimentos republicanos e revolucionários.

Em 1811 era tenente-coronel do Real Exército Espanhol, lotado no Regimento de Cavalaria de Bourbon. Tinha 22 anos de serviço e um promissor futuro pela frente. No currículo, lutas contra os mouros, franceses, ingleses e portugueses. Era fluente em francês, inglês e italiano. Soube então da confusão política no Prata e dobrou-se ao seu destino. Com dignidade e discrição, pediu baixa do exército espanhol e seguiu para Buenos Aires, via Londres, onde foi iniciado na Maçonaria, junto com Carlos Maria de Alvear, Zapíola e Tomás Guido.

Em 1812, a bordo de uma fragata inglesa, esses homens seguiram para Buenos Aires, onde chegaram 50 dias depois e foram inicialmente recebidos como espiões. Justificável essa desconfiança. Não podemos esquecer que a revolução platina enfrentava uma guerra externa e suportava uma

anarquia interna. Superadas as desconfianças, San Martín ofereceu os seus préstimos à causa revolucionária americana, deixando bem claro que a única coisa que sabia fazer era ser soldado. Absolutamente não era político.

Sobre o San Martín maçom, em Buenos Aires já havia presença maçônica. Em 1795, Santiago de Liniers havia tentado a "Logia del Rito Azul", um centro propagador do ideário da Revolução Francesa; em 1804, surgiu a Loja "San Juan de Jerusalém", criada pelo português João da Silva Cordeiro; em 1806, espanhóis criaram a "Estrella del Sur", com o objetivo de resistir contra as invasões inglesas; os ingleses responderam criando as Lojas "Hijos de Hiram" e a "Ordem de los Sublimes Caballeros Templarios". Mas foi com San Martín e seus companheiros que a Maçonaria platina tornou-se atuante. San Martín, Alvear e Martín Zapiola criaram um "Triângulo Maçônico", ao qual deram o nome "sociedad de los Siete". Esse Triângulo evoluiu para uma corporação plena, oficializada em 1812 sob a denominação de "Loja Lautaro", personagem de um poema épico escrito por Ercilla. Lautaro, patrono da Loja Maçônica, é ícone da História do Chile, considerado o primeiro general chileno e o estrategista que conduziu os índios mapuches (araucanos) na resistência aos espanhóis. Ercilla é o grande poeta e soldado espanhol Alonso de Ercilla, autor do poema épico "La Araucana", em que canta essa campanha militar. O livro foi dedicado a Felipe II. Alonso de Ercilla é nome de escolas, logradouros, edifícios, etc. no Chile. O fundador da Loja Lautaro foi Francisco Miranda, precursor da independência da Venezuela, que tomou como patrono o índio símbolo da resistência ao domínio espanhol.

Essa Loja funcionava na Calle Parque (hoje Lavalle).

San Martín convenceu o governo de Buenos Aires de que a progressão do Exército do Norte estava definitivamente empacada e que a única maneira de a revolução chegar ao Peru - "*Hasta que entremos en Lima, la guerra no se acabará!*" - era mediante um gigantesco e estratégico desbordamento pelo Chile, idéia de um visionário, impossível de se concretizar. Mas o *Director* Juan Martín de Pueyrredón ousou admiti-la e teve a grandeza de confiar a San Martín tal missão. Para tanto, nomeou-o governador da província de Cuyo, à meia encosta dos Andes. Dessa forma, em fins de 1814, San Martín instalou-se em Mendoza, para organizar o que seria o "Exército dos Andes". Tinha 30 anos de idade e sua maior característica pessoal, para espanto dos platinos, era a austeridade.

Com paciência e competência, criou um exército do quase nada. Entre outras coisas, sinos de igrejas foram fundidos e transformados em canhões. Um ex-padre, don Luiz Beltrán, que havia trocado a batina pela farda de coronel do exército andino, muito o auxiliou nisso. Entre outras providências, San Martín proibiu dois padres, muito suspeitos, de ouvir as confissões de seus oficiais. E esses seus oficiais, aos quais chamava de "meus rapazes", o idolatravam. Era uma plêiade de elite, cujos nomes passaram a ilustrar a história argentina, como Tomás Guido, Federico de Brandsen, Lúcio Roberto Mansilla, Juan Lavalle, Félix Olazabal, José de Olavarría, Tomás Iriarte, Angel Pacheco, etc.

Certa ocasião, em momento de aperto financeiro, San Martín baixou decreto reduzindo pela metade os soldos dos integrantes de seu exército. Não se ouviu uma só reclamação. Isso porque dava o exemplo: a sua bagagem pessoal, tudo o que tinha na vida, cabia no dorso de uma única mula.

E assim, em 1817, o general don José de San Martín sentiu-se em condições de cruzar os Andes e avançar sobre o Chile. No Chile, as coisas estavam difíceis para os patriotas americanos. Lá também o domínio colonial espanhol fora posto em xeque, em 1810. No dia 18 Set desse ano, organizou-se uma Junta Governativa em Santiago, a fim de administrar a Capitania enquanto o rei Fernando VII estivesse preso.

Um mês depois, lá chegou e foi ouvido um entusiasmado emissário da Junta de Buenos Aires. Deve ter sido convincente, pois, no ano seguinte, os chilenos convocaram um Congresso Nacional para decidir sobre o seu futuro político. Tal Congresso, dividido entre conservadores (que queriam uma colônia autónoma), realistas (que defendiam a continuidade da total subordinação à Espanha) e radicais (que exigiam a imediata e total independência) nunca chegou à conclusão nenhuma.

O clima era efervescente e o Vice-Rei do Peru tratou de enviar um "exército pacificador" ao Chile, sob o comando do Gen Pareja. Os chilenos resistiram, sob a patriótica liderança de don José Miguel Carrera, e a luta que seguiu foi violenta, com cruéis retaliações de parte a parte. Os soldados de don Carrera, particularmente, ganharam fama como "[...] *furibundos ébrios y asesinos desalmados*".

Em abril de 1813, as tropas realistas de Pareja já dominavam quase todo o território chileno. Pouco depois, com o restabelecimento do rei don Fernando VII, foi conseguido um acordo de paz, conhecido como Tratado de Lircay, celebrado a 03 Mai 1814. Pelos chilenos, assinou Bernardo O'Higgins; pelos espanhóis, o Gen Gainza. Pelo tratado, o Chile submetia-se ao rei Fernando VII, as tropas realistas retornariam ao Peru e os chilenos pagariam uma indenização à coroa espanhola. O tratado não vingou. O Vice-Rei do Peru negou-se a homologá-lo e a luta continuou.

No dia 02 Out 1814, o exército realista derrotou completamente os patriotas na Batalha de Rancagua. Os chilenos que conseguiram escapar da matança que se seguiu cruzaram os Andes e refugiaram-se em Mendoza, onde foram acolhidos por San Martin, em 1815. Em sua maioria, eram bandidos mesmo. San Martin os disciplinou com energia. Incorporou ao seu exército os que queriam ser soldados, desarmou e dispersou os restantes.

Em janeiro de 1817, San Martin começou a travessia dos Andes. Uma epopéia que não pode ser descrita com palavras. Resta imaginá-la. A frente era de 800 quilômetros. A travessia, de 300 quilômetros. As alturas a vencer, 5.000 metros. Terreno inóspito e sem recursos, permanentemente varrido por ventos gelados. Isso sem falar da neve. Um desafio digno de um formidável soldado:

"Lo que no me deja dormir es, no la oposición que puedan hacerme los enemigos, sino el atravesar estos inmensos montes" escreveu San Martin.

Há o registro de que o general Lecór, lá em Montevideú, apostou uma dúzia de garrafas de champanha com o Dr. Santiago Vásquez, dizendo que San Martin não conseguiria atravessar os Andes. Perdeu e pagou. San Martin dividiu suas forças, algo em torno de 5.000 homens, em três colunas: uma ao norte, pelo Paso de Olivares; uma ao centro (o grosso da tropa), pelo Paso de Uspallata e Paso de los Patos; uma ao sul, dirigida sobre Talca. Em reserva, no rastro do grosso, os chilenos de don Bernardo O'Higgins. Comungados com os humanos, 10.000 mulas, 1.600 cavalos e 600 reses.

O Exército dos Andes cruzou o vale do Aconcagua e surpreendeu os 2.000 realistas do general Rafael Maroto, aos quais derrotou na Batalha de Chacabuco, no dia 12 de fevereiro de 1817. Foi uma bratalha feia: 500 mortos, 600 feridos graves. No dia seguinte, o Exército dos Andes ocupou Santiago, aprisionando o seu governador, general Marco. Vibrando, os chilenos ofereceram a chefia do governo a San Martin, que a recusou. Era soldado, não político. E passou esse encargo a don Bernardo O'Higgins, que o assumiu, com o título de *Director Supremo*.

Don Bernardo O'Higgins, o patriota que um ano depois proclamaria oficialmente a Independência do Chile, estava preparado para isso. Era filho, ainda que ilegítimo (mãe *criolla*), de don Ambrose O'Higgins, um irlandês que entrara para o serviço do rei da Espanha e saíra-se muito bem, sendo agraciado com o título de Marquês de Vallemar y Osorno e nomeado Vice-Rei do Peru e Governador do Chile. Culto, havia feito os seus estudos na Europa, onde também fora iniciado na Maçonaria. Não teve pejo em reconhecer que a independência do Chile fora conquistada graças a San Martin e seus soldados platinos:

Nuestros amigos los hijos de las Provincias Unidas del rio de la Plata, acaban de recuperanos la libertad usurpada por los tiranos [...]. Há sido restaurado el reino de Chile por las armas de las Provincias Unidas del rio de la Plata, bajo las ordenes del General San Martin.

O próprio San Martin estava exultante com a sua façanha: *"En veinticuatro días hemos hecho la campaña: pasamos la cordillera más elevada del globo, concluimos con los tiranos y dimos la libertad a Chile"*.

E, antes que esse mesmo ano de 1817 se findasse, houve uma nova e estrondosa vitória sobre os realistas, na Batalha de Talcahuano, travada no dia 7 de dezembro. Toda essa vitoriosa euforia,

entretanto, ainda era prematura. O Vice-Rei do Peru, don Joaquin de la Pezuela, ficou furioso quando soube do ocorrido em Chacabuco e imediatamente começou a organizar um exército para enviá-lo ao Chile. Forte em mais de 5.000 homens, esse corpo era comandado pelo general don Mariano Osório, genro do vice-rei, tendo como auxiliares os famosos brigadeiros Ordoñez e Primo de Rivera.

Esse exército embarcou no porto de Callao, em fins de 1817 e desembarcou em Talcahuano, ao sul de Santiago, em janeiro de 1818. De imediato, começou a marcha na direção da capital.

Do Alto Peru, as informações eram de que o gênio, capacidade e liderança de San Martín haviam conseguido estabilizar a frente militar. Trabalhara arduamente para reestruturar um exército em frangalhos. E nos seus relatórios eximia Belgrano de qualquer responsabilidade pelos desastres em Vilcapuyo e Ayohuma. Reconhecia que não tinha as mínimas condições para continuar a marcha para o norte; mas, em compensação, assegurava que os realistas não tinham como recomeçar uma ofensiva para o sul. Um impasse total, que bulia com os nervos de todo o mundo.

O exército patriota estava acampado em Las Tablas, distante cerca de 30 quilômetros de Valparaíso, e logo se pôs em movimento na direção sul, a fim de interceptar a marcha realista. O encontro entre os dois exércitos deu-se no dia 19 de março de 1818, próximo a Talca. Seguiu-se a Batalha de Cancha Rayada, onde os patriotas foram fragorosamente derrotados. O'Higgins foi ferido em combate e San Martín, assustado, retraiu para Santiago.

Foi um momento crucial para a revolução americana. San Martín recompôs suas forças e partiu novamente para o sul, a enfrentar o avanço realista. Seria um jogo de tudo ou nada! O novo encontro deu-se na Batalha de Maipú, a 15 quilômetros de Santiago, no dia 5 de abril de 1818. A vanguarda realista era formada pelo Regimento de Burgos, afamado por nunca haver perdido uma batalha. Pois perdeu aquela! A vitória patriota, além de vital, foi estupenda, e cruenta. O historiador Mitre a classifica como a mais renhida da independência sul-americana. Os espanhóis tiveram mais de mil mortos e dois mil prisioneiros, entre esses o próprio general Ordoñez. As baixas patriotas foram de um milhar de mortos e feridos, a maioria negros libertos de Cuyo, que San Martín havia incorporado ao Exército dos Andes. A crônica registra que, após a batalha, San Martín estava inconsolável: "*Mis pobres negros*".

A importância da batalha de Maipú foi tamanha que lá no norte, ao dela saber, Simon Bolívar declarou: "*El día de América há llegado*". Era verdade. Após Maipú, o Vice-Rei do Peru desistiu definitivamente de intervir no Chile e no Prata, dedicando-se apenas a defender o Peru. Após Maipú, San Martín foi chamado a Buenos Aires. Em maio de 1818, apresentou-se ao governo das Províncias Unidas do Rio da Prata para receber ordens.

A idéia dos governantes buenaireses era a de que o Chile já havia sido suficientemente ajudado e que, agora, as atenções militares tinham que ser voltadas para o Prata, a fim de pacificar as províncias permanentemente rebeladas e para uma quase certa luta contra os portugueses, na Banda Oriental. San Martín discordou com veemência. Contradiu, reafirmando que as prioridades militares revolucionárias deviam continuar dirigidas contra a sede do poder colonial espanhol, isto é, o Peru.

O governo manteve a sua posição e, diante disso, San Martín renunciou ao comando do Exército dos Andes. Protegido, porém, por seus "irmãos" da Loja Lautaro, foi mantido no posto e autorizado a voltar ao Chile.

A sua atenção era toda para a concebida campanha sobre o Peru. Para neutralizar as forças navais espanholas na costa do Pacífico, contratou um escocês - Lord Thomas Cochrane - um almirante mercenário que faria qualquer coisa por dinheiro (e que cumpriu essa missão). Mas em 1819, impotente ante as revoltas em Santa Fé e Entre-Ríos, o governo de Buenos Aires despachou taxativa ordem para que San Martín retornasse ao Prata com o seu exército e "pacificasse" as províncias rebeladas. Em uma derradeira e até dramática tentativa de não perder a Província Oriental, o Director Pueyrredon expediu ordens para que San Martín retornasse do Chile com seu exército e atacasse as tropas portuguesas de Carlos Frederico de Lecór.

Talvez pela primeira e única vez na vida, o general San Martín desobedeceu a uma ordem legal e negou-se a retornar. Sua motivação maior era não se envolver nas lutas intestinas, mantendo o seu exército imune ao contágio federalista e sempre voltado para uma missão superior: atacar o Peru. Estava, todavia, plenamente consciente do peso dessa decisão. Em carta a don Bernardo O'Higgins, reconheceu: "*Se vá a descargar sobre mi una responsabilidad terrible; pêro si no se emprende la Expedición del Peru, todo se lo lleva el diablo*".

O nome do Exército dos Andes foi alterado para *Ejército Libertador del Peru*. Os 4.118 homens que o compunham - 2.313 peruanos e 1.805 chilenos – foram distribuídos em seis batalhões de infantaria, dois batalhões de artilharia e dois regimentos de cavalaria. Sempre secundado por seu fiel amigo e chefe de seu Estado-Maior, don Juan Gregório de las Heras, San Martín embarcou essa tropa em 16 navios de transporte e, escoltado por oito navios de guerra e 11 lanchas canhoneiras, partiu do porto de Valparaíso para o Peru, no dia 20 de agosto de 1820.

No dia 07 Set 1820, chegou à Baía de Paracas, onde a tropa desembarcou e ocupou a localidade de Prisco. Nesse local, a primeira providência de San Martín foi incorporar ao seu exército mais negros libertos. O Vice-Rei do Peru ficou apavorado. Sem condições militares para enfrentar esse desafio - dispunha de mais de 20.000 homens, mas que estavam espalhados por todo o Peru - tentou uma negociação. Nos dias 12 a 14 de setembro de 1820, os emissários do vice-rei Pezuela e do general San Martín conferenciaram na localidade de Miraflores. As conferências não obtiveram nenhum resultado: San Martín exigia a rendição incondicional. Diante disso, as hostilidades recomeçaram.

No dia 3 de outubro de 1820, San Martín despachou o seu general Arenales para a serra, a sublevar o povo, e reembarcou o grosso de sua tropa, tomando o rumo de Callao, a mais forte cidadela espanhola na costa do Pacífico. O desembarque de San Martín na Baía de Ancón, a 36 quilômetros de Lima, provocou um golpe-de-estado no Vice-Reinado do Peru. O Vice-Rei Pezuela foi deposto, acusado de covarde e incompetente, assumindo em seu lugar o general La Serna. La Serna também tentou um acordo com San Martín. A conferência entre ambos, em Punchauca, também não deu em nada. E a guerra se prolongou, cruel e desnecessariamente, por mais quatro anos. Com Callao e Lima sitiadas e os peruanos aderindo em multidão às forças de San Martín, o Vice-Rei La Serna evacuou Lima, no dia 6 de julho de 1821, indo para o vale do Yaupa. Nesse mesmo dia, as avançadas de San Martín chegaram à capital do poder colonial espanhol nas Américas.

Lima foi ocupada sem luta. No dia 9 de julho de 1821, o general San Martín instalou-se nessa capital. E, no dia 28 de julho de 1821, proclamou a Independência do Peru! Pessoalmente, redigiu a sua Constituição e desenhou a sua bandeira. Assumiu o governo sob o auto-outorgado título de *Protector del Peru*. Conspirações realistas, verdadeiras ou não, foram afogadas em sangue.

Com mais negros libertos, criou o Exército Peruano, com o nome de *Legión Peruana*, cujo comando foi entregue aos seus coronéis Miller (inglês) e Brandsen (francês). E, como nem só de vitórias vive o soldado, rendeu-se a uma morena, Rosa Campusano, a partir daí tida e havida como a amante oficial do *Protector*. À propósito, em fins de 1812, em Buenos Aires, San Martín, então com 34 anos, havia contraído núpcias com Maria de los Remedios de Escalada, uma menina de 15 anos. Esse matrimônio, marcado pela permanente separação do casal, produziu uma filha, de nome Mercedes. A Senhora Maria de los Remedios faleceu em três de agosto de 1823.

Quanto ao Peru, mesmo com a independência proclamada, ainda conviviam com um exército realista, intacto, retirado nas montanhas andinas.

Enquanto isso, Simón Bolívar vinha descendo, batendo os realistas em furiosos encontros, aos quais se seguiam horrorosos acertos de contas. Conquistou Guayaquil, o mais importante porto espanhol no Pacífico e o anexou à Grã-Colômbia. A partir dali, lançou o seu melhor general, don António José de Sucre, um moço de 25 anos, mas duríssimo com o inimigo "[...] *um lírio de neve sobre um charco de sangue* [...]" como sua vanguarda, na direção de Quito.

A oposição das tropas realistas aumentou e Sucre viu-se obrigado a pedir socorro a San Martín, que o acudiu com 1.500 homens, sob o comando do general Andrés de Santa Cruz. Fortes assim, os americanos saíram vitoriosos na Batalha de Rio Bamba, no dia 21 de abril de 1822, e Batalha de Pichincha, no dia 24 de maio de 1822, esta última a apenas 18 quilômetros de Quito e que foi decisiva para a rendição daquela praça. E foi ali que o general Sucre proclamou a Independência do Equador! No dia 16 de julho de 1822, Simon Bolívar entrou triunfalmente em Quito. Foi lá que conheceu dona Manuela Sáens, "*la libertadora del Libertador* [...]".

É bem conhecida a alegoria de que Bolívar e San Martín foram como dois engenheiros que abriram um túnel, um em cada lado da mesma montanha, mas que devido à falta de ligação e planos comuns, não sabiam se, onde ou quando iriam se encontrar.

Por isso, a aproximação dos exércitos de San Martín e Bolívar - que, inclusive, até já estavam operando em conjunto - trouxe consigo um problema inquietante e que ainda não havia sido sequer apreciado: quem seria o comandante supremo a partir daí, na continuidade da luta contra os realistas que resistiam no Peru? Problema delicado e perigoso. Por muito menos, os patriotas americanos se engalfinhavam em lutas fratricidas. Em suma, dois tigres não moram no mesmo mato...

Bolívar e San Martín não se conheciam pessoalmente. Tinham contato, cordial e respeitoso, por cartas. A prudência determinou que ambos aceitassem um encontro pessoal, segundo San Martín "*[...] con el desígnio de fijar la suerte de la América del Sur en el orden militar e político*". San Martín não se humilhou em embarcar na galera "Macedônia" e velejar para Guayaquil, onde aportou no dia 26 Jul 1822. Dois gigantes se conheceriam. Seus ideais eram os mesmos, mas os temperamentos, mais que diferentes, opostos. Tinham em comum a coragem pessoal, o desapego material e a total consagração à causa abraçada, mas a separá-los, um mundo. Bolívar era um cavalheiro elegante, alegre, expansivo, radiante, conversador, simpático, mulherengo, maçom político, enfim, um estadista; San Martín era um tipo prussiano, taciturno, recatado e reservado, pensador, lento ao falar, maçom litúrgico, que impunha mais respeito que entusiasmo, enfim, um soldado. Os historiadores são unânimes na conclusão de que do encontro desses dois resultaria uma guerra ou uma desistência.

Bolívar e seu Estado-Maior aguardavam San Martín no cais, em uniforme de gala. Mas, para San Martín, a primeira decepção: encontrou Guayaquil, cujo futuro seria um dos pontos a discutir, com bandeiras grã-colombianas içadas em todos os mastros. Entristecido, nem queria desembarcar, mas Bolívar, com cativante cortesia, foi à bordo e o convenceu a acompanhá-lo até a sua casa. Foram aclamados pelo povo durante esse deslocamento. As conferências pessoais que se seguiram - foram três, no dia 26, sem testemunhas - totalizaram apenas quatro horas. O que ocorreu nesse curto embate de fortíssimas personalidades é um mistério até hoje. Oficialmente, nada se sabe; extra-oficialmente, transpareceu que:

- a) no que tange ao porto de Guayaquil, o assunto nem foi discutido, pois Bolívar já o havia ocupado e o anexado à Grã-Colômbia;
- b) quanto à continuação da luta no Peru, Bolívar insistiu na "limpeza" geral, com o total extermínio de todos os realistas. San Martín acabou aceitando, mas reconheceu que não tinha gente suficiente e pediu reforços a Bolívar; que respondeu prometendo apenas 1.000 homens, comandados por um general grã-colombiano.

San Martín não aceitou e, espertamente, colocou-se sob as ordens de Bolívar. Mais esperto, Bolívar percebeu a manobra e disse que não: ele, Bolívar, colocava-se sob às ordens de San Martín. A questão ficou empacada e, ao fim da tarde do dia 27 de julho de 1822, as negociações foram dadas por encerradas. Esse curto e histórico encontro, que delineou o futuro da América do Sul, foi encerrado com um brinde e um baile. San Martín, emburrado em um dos cantos do salão; Bolívar, bebendo e dançando na maior das alegrias. À uma hora da madrugada, San Martín pediu para retirar-se. Bolívar o acompanhou até o cais, despediu-se e retornou para o baile.

No dia seguinte, San Martín fez vela de volta para o Peru. Ficara apenas 36 horas em Guayaquil. Ao chegar em Callao, sobre esse encontro proferiu apenas duas declarações: "*El Libertador no es el hombre que pensábamos*" e "*El Libertador nos há ganado de mano*" (Nota do Editor: linguagem do jogo de truco espanhol).

Contudo, em manifestações posteriores, San Martín sempre deixou bem clara a elegância como fora recebido e tratado por Bolívar ("*[...] pude contemplar el esfuerzo visible para cubrir con subterfugios, escapatorias y sofismas el plan de apoderarse del mando [...]*").

Com grandeza, para evitar uma guerra civil, pois estava convicto de que com ou sem o seu consentimento Bolívar avançaria sobre o Peru ("*Bolívar e yo no cabemos en el Peru*"), no dia 20 Set 1822, escreveu uma cordial carta a Bolívar, informando-o que renunciava ao governo do Peru. Junto à missiva, mandou de presente ao *Libertador* as suas pistolas e o seu cavalo. Nesse mesmo dia, convocou o *Congreso Constituyente* peruano, diante do qual renunciou ao título de *Protector del Peru*. Sob emoção, os congressistas aceitaram a renúncia, mas concederam-lhe o título de "*Fundador de la libertad del Peru*", junto com o posto de Capitão-General do Exército Peruano e uma pensão vitalícia.

Nesse mesmo dia, retirou-se do Peru, para sempre, seguindo para o Chile, onde chegou em outubro de 1822. Ali, soube que estava com fama de ter sido traído pela mulher e de haver roubado tesouros peruanos. Com dignidade, ignorou as maledicências. Contraindo tifo, curou-se e, dando por encerrada a sua missão nos Andes, seguiu para Mendoza, onde foi acolhido carinhosamente pelo governador, seu ex-tenente Manuel Olazábal. Havia cruzado a cordilheira acompanhado apenas por seu ordenança, dois cavalos e uma mula.

Em Mendoza, soube da anarquia que reinava no Peru e recusou um desesperado convite para lá retornar e restabelecer a ordem, justificando-se: "*Seria preciso fuzilar alguns chefes e não tive coragem de fazer isso com camaradas que me haviam acompanhado na felicidade e na desgraça*".

Ainda em abril de 1823, seguiu para Buenos Aires. Negou-se a participar das sangrentas guerras internas que corroíam a estrutura nacional das Províncias Unidas do Rio da Prata.

No dia 10 de fevereiro de 1824, seguiu para a Europa, a bordo da "*Lê Ba-yonnais*". Além dos títulos, levava consigo a sua filha Mercedes e o "*Estandarte de Pizarro*", único espólio de guerra do qual não abriu mão. Esse Estandarte foi trazido por Pizarro para escravizar os incas.

O destino costuma ser cruel com os seus escolhidos para as glórias terrenas.

Com o campo livre, Simon Bolívar partiu para a conquista do Peru. Comandou pessoalmente o seu "*Exército Libertador*" por algum tempo; mas, adoentado, passou o comando ao seu general Sucre, a quem coube a honra de vencer os realistas na última e decisiva *Batalha de Ayacucho*, travada no dia 9 de dezembro de 1824. Ayacucho simboliza o fim do poder colonial espanhol na América do Sul. "*Trezentos anos de dominação foram destruídos numa batalha de setenta minutos*".

Bolívar continuou administrando o Peru. Como forma de bem definir a separação territorial entre os antigos Vice-Reinados do Prata e do Peru, criou um "estado tampão" entre essas antigas entidades político-administrativas. Assim, em 1825, nasceu a Bolívia, formada pelas quatro províncias alto-peruanas, que em 1816 haviam se declarado, no Congresso de Tucumán, anexadas às Províncias Unidas do Rio da Prata: Potosi, Cochabamba, La Plata e La Paz. Todavia, não conseguiu recuperar os cinco anos em que se afastara de Bogotá e Caracas. A sua Grã-Colômbia se desmantelara em consequência dos nacionalismos locais. Não mais havia um governo único. Na Venezuela, quem mandava agora era o caudilho Paez, um *llanero* semi-analfabeto; na Colômbia, o general Santander, mais ilustrado, mas igualmente tirânico. Esses homens não aceitaram a volta de Bolívar ao poder e, agora, Bolívar não mais tinha meios nem prestígio para enfrentá-los. Cansado, doente, perseguido politicamente e desiludido, reconhecendo até "*[...] ter arado no mar [...]*", Bolívar retirou-se de cena. O seu desalento com os resultados da sua revolução americana era total:

"*No hay fe entre los hombres ni entre las naciones de America; los tratados son papeles; las constituciones, libros; las elecciones, combates; la libertad, anarquia, y la vida, un tormento [...]. E muito*

magoado com o mundo, certa vez, lastimou-se: "Os três grandes tolos da humanidade foram Jesus Cristo, Dom Quixote e eu". *El Libertador* morreu no dia 17 de dezembro de 1830, aos 47 anos. Não deixou descendentes. Cinco países - Colômbia, Venezuela, Equador, Peru e Bolívia - deviam-lhe as independências. Fora riquíssimo, mas morreu vestindo uma camisa emprestada. Odiava e combateu cruelmente os espanhóis; mas faleceu na quinta de um cidadão espanhol, que, por piedade, o acolheu nas últimas horas e financiou as suas exéquias.

Quanto a San Martín, chegou com a filha ao porto francês de Le Havre no dia 23 Abr 1824. A França não permitiu o seu desembarque. Prosseguiu então para a Inglaterra e depois para a Bélgica, radicando-se em Bruxelas. Alguns convites para incorporar-se a exércitos europeus como mercenário - afinal, era um general famoso e a Europa vivia em guerras - foram educadamente recusados.

Em 1828, ao saber da guerra contra o Império do Brasil, decidiu retornar ao Prata, chegando a Buenos Aires no dia 06 Fev 1829. A guerra contra o Brasil já havia terminado e as Províncias Unidas do Rio da Prata encontravam-se mergulhadas na maior anarquia política. Os unitários correram a lhe oferecer o governo da província, mas ele o recusou, negando-se a intervir na guerra civil. Em carta a Lavalle, confessou-se monarquista: "*Es conocida mi opinión de que el país no hallará jamás quietud, libertad ni prosperidad sino bajo la forma monárquica de gobierno*". E, profético, assegurou a Lavalle: "*Es verdad que las consecuencias más frecuentes de la anarquía son las de producir un tirano*".

De resto, foi muito mal recebido, inclusive, com uma ultrajante saraivada de injúrias: ladrão, monárquico, etc.. E até de covarde! Nesse mesmo dia, o jornal de Buenos Aires publicou: "*El general San Martín há vuelto a su país a los cinco años de ausencia: pero despues de haber sabido que se han hecho las paces con ele emperador del Brasil*". Por isso, nem desembarcou e seguiu no mesmo dia para Montevideú, onde foi muito bem recebido pelo presidente, don Fructuoso Rivera. Lá, recebeu a visita do amigo Olazábal, que lhe entregou uma carta dos antigos subordinados, suplicando-lhe para que assumisse o comando do Exército e acabasse com as desordens provinciais.

- "Mi sable?... No!... Jamás se desenvainará en guerra civil!", foi a sua resposta.

Na primeira oportunidade, retornou para a Europa, radicando-se com a filha, no ano de 1830, nas proximidades de Paris.

Sobre a Guerra da Cisplatina, após a qual o Uruguai se tornou independente, San Martín escreveu uma carta ao seu amigo Tomás Guido com a seguinte passagem:

"En nuestra situación, sin un gobierno central y teniendo que gravitar todo el peso de la guerra sobre Buenos Aires, aniquilados ya todos sus recursos y crédito, es en mi opinión ventajosa (la paz), pues aunque la independencia de la Banda Oriental sea una perdida sensible para las Provincias Unidas, resulta una gran ventaja el quitarnos del contacto brasileño, contacto que dejaba un germen de guerra en permanência".

San Martín vivia apertado financeiramente, até que no ano de 1833, ao pedir um empréstimo bancário, reencontrou um colega de escola, don Alejandro Aguado, agora abastado banqueiro. Diz a lenda que o diálogo entre ambos foi esse:

- *Pêro qué! Eres tu el banquero?*

- *Hombre! Cuando uno no alcanza a ser libertador de medio mundo, me parece que se puede perdonar el ser banquero...*

A partir daí, comodamente provido por Aguado, a sua vida melhorou. Em 1848, radicou-se em Boulogne-Sur-Mer, sempre aceito e respeitado como "[...] *um ancião empertigado, garboso, afável*".

Escreveu em carta ao seu amigo Tomás Guido:

"Vivo en una casita de campo, a três léguas de la ciudad, en compañía de un hermano mio (pues la niña está en un colégio). Lãs mananas son ocupadas en la cultura de un pequeño jardin y en mi taller de carpintería; a la tarde, en paseo, y las noches en hacer apuntes y leer libros alegres y papeles públicos: he aquí mi vida".

Mas estava definitivamente magoado com a humanidade. Declarou que queria ali acabar os seus dias, em sua chácara, "[...] *separado, si es posible, de la sociedad de los hombres*". Em conversa com um amigo, desabafou a sua amargura: "*Você ignora porventura que dos três terços do mundo, dois e meio são ignorantes e o resto é composto de velhacos, com rara exceção de alguns homens de bem?*"

E ali faleceu, no dia 17 de agosto de 1850, com 72 anos, quase cego, nos braços da filha. Em seu testamento, começou declarando não dever, e nunca haver devido, nada a ninguém. E ordena: "*Prohibo que se me haga ningún género de funerales, y desde el lugar que falleciera se me conducirá directamente al cementerio, sin ningún acompañamiento...*".

Não esqueçamos: era General de Brigada do Exército das Províncias Unidas do Rio da Prata, Capitão-General do Exército do Chile e Generalíssimo do Exército do Peru. Por 30 anos o seu cadáver restou na França. Coube ao presidente Avellaneda, em 1880, cumprir o seu testamento e trazer os seus restos mortais para a América, onde hoje repousam na Catedral de Buenos Aires, sob permanente guarda de dois de seus granadeiros.

"*Velar se debe la vida de tal suerte que viva quede en la muerte*" é o dístico do escudo de San Martín.

Trabalho baseado no texto do livro: LEMOS, Juvêncio Saldanha. **A saga no Prata**. Porto Alegre: Letra e Vida, 2009.

MEMBRO DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL, E COMPATRIOTA DA LIGA DE DEFESA NACIONAL RECEBE PREMIAÇÃO LITERÁRIA



Na data de 15 de junho de 2010, na Sala de Cinema Ulysses Geremia, às 19:30h, foi realizada a premiação do 44º Concurso Anual Literário de Caxias do Sul. JUAREZ NUNES DA SILVA foi o vencedor da categoria "CONTOS", com três trabalhos premiados: *Revolução Imperfeita*, *Dia Santo* e *O finado Malaquias*.



As obras premiadas possuem temática regionalista, retratando a vivência do homem camponês. Num linguajar autêntico "gauchês", com suas expressões características, as obras tratam dos tempos das peleias, onde as gerações se sucediam participando dos conflitos de fronteira e das revoluções internas entre as facções políticas



(maragatos e chimangos). Também evocam o imaginário gaúcho, do temor ao invisível, das assombrações, do respeito ao sagrado. A valentia e a coragem são recheios indispensáveis nas narrativas, entremeadas de um apanhado cultural característico do homem simples do campo, com suas tradições,



usos e costumes. No final da premiação, no palco do Zarabatana Café/bar, houve o 2º Sarau Literário, onde os vencedores da edição anterior tiveram oportunidade falar sobre seus trabalhos e até fazer a leitura de uma parte dos mesmos. O compatriota JUAREZ NUNES DA SILVA também participou, por ter sido premiado na mesma categoria, com Menção Honrosa.

Nota do Editor: as próximas edições deste jornal publicarão os trabalhos de Juarez Nunes.

**Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
2º Vice-Presidente e Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS
Porto Alegre – lecaminha@gmail.com**